

Noção de Pedras Sagradas no Mundo Antigo

Uma pesquisa comparativa entre a Bíblia Hebraica e a pesquisa de Mircea Eliade

Pedro Evaristo Conceição Santos¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo estudar o uso de pedras dentro das páginas dos primeiros livros da Bíblia Hebraica, Gênesis a Josué e o conceito de pedras sagradas dentro da pesquisa de Mircea Eliade. Como é um estudo comparativo, este artigo apontará aquilo que é diferente e o que similar entre as duas abordagens. O trabalho aqui apresentada mira o estudante de Bíblia que busca interação destes escritos com outros com o fim de ver elucidado o texto bíblico para sua audiência.

Palavras-chave: Pedras – Pedras Sagradas – Mundo Antigo

Abstract

This article aims to study the use of stones within the pages of the first books of the Hebrew Bible, Genesis to Joshua, and the concept of sacred stones in search of Mircea Eliade. How is a comparative study, this article will point what is different and what similar between the two approaches. The work presented here targets the Bible student seeking their interaction with other writings in order to see elucidated the biblical text to its audience.

Key Words: Stones – Sacred Stones – Ancient World

¹ Este autor é Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e doutorando em letras na Universidade de São Paulo na área de Estudos Judaicos. [HTTP://lattes.cnpq.br/2786664792098453](http://lattes.cnpq.br/2786664792098453)

Introdução

O presente artigo trabalhará o assunto sobre o uso de pedras dentro do mundo bíblico antigo e a visão de Mircea Eliade sobre hierofania e seu relacionamento com as pedras. O objetivo é mostrar que há diferenças de visões entre o conceito de pedras dentro da Bíblia Hebraica e a visão de Eliade quanto ao uso de pedras no contexto do mundo antigo. Porém, esta mesma pesquisa busca ver semelhanças entre as pedras dentro do conceito bíblico e as pedras que fazem parte da visão de hierofania de Eliade.

Este artigo não se propõe exaurir o assunto, por isso ele está limitado ao uso de pedras dentro do Pentateuco e do livro de Josué, mas podendo buscar exemplos dentro dos demais livros do Antigo Testamento. A segunda limitação está no trabalho comparativo com Mircea Eliade, e não com vários autores, sendo a fonte primária a Bíblia e o livro **Tratado de História das Religiões**, de Mircea Eliade, particularmente o capítulo VI.

À medida que encontramos pontos de contato entre o relato bíblico e o mundo ao seu redor, podemos, não somente desmistificar o relato bíblico, como vê-lo dentro de seu contexto de mundo, fazendo-o mais humano, e compreendendo que o homem apresentado pelo Pentateuco e Josué não vivia isolado de seu contexto, mas mantinha relações com as gentes ao seu redor. Além disso, se este homem reflete pensamentos comuns com seu contexto, o relato bíblico ganha confiança maior, por se mostrar fiel à sua realidade dos acontecimentos de seu tempo. Com isso, ganha também no seu valor, pois, ao mesmo tempo, que tem seu ponto de contato com seu contexto, o relato bíblico buscou mostrar sua face de independência do que podia ser encontrado ao seu redor.

O desenvolvimento deste artigo se ocorrerá da seguinte maneira. Primeiro haverá a apresentação do uso de pedras dentro do relato bíblico do hexateuco (Gênesis a Josué). Depois se buscará o entendimento da visão de Mircea Eliade de pedras sagradas. Finalmente haverá uma tentativa de observar pontos de contato entre a pesquisa de Eliade e o uso de pedras dentro do relato bíblico de Gênesis a Josué.

Pedras dentro da Bíblia Hebraica, Gênesis a Josué

As pedras dentro desta seção da Bíblia Hebraica sempre tiveram seu uso associado com a memória – a recordação de algum evento, mas também seu uso para sacrifício, emprego

simbólico e revelação. Esta parte do artigo abordará estes significados, tentando ver que as pedras poderiam ir além desse emprego comum.

A. O significado da palavra “pedra”

A palavra hebraica para “pedra” (*‘eben*) significa basicamente uma pedra ou rocha, seja pequena ou grande, usada em seu estado natural. Porém, o que vai fazer a diferença, em seu uso, é seu emprego em contextos sagrados aonde acontece o rito do celebrante. A pedra é pedra em seu sentido natural, mas seu emprego, em contexto religioso, traz sentidos diferentes (“No Antigo Testamento, *‘eben* tem diferentes significados, mas todos eles incluem o elemento ‘pedra” [TDOT, 1974, v. I, 48]). Então, estamos em busca destes sentidos – como o homem antigo, dentro do contexto bíblico, usou as pedras em sua prática religiosa?

B. O uso de pedras em contexto religioso

1. Pedras como lugar de sacrifício – pedras como lugar de morte

O primeiro uso das pedras dentro de contexto religioso foi seu emprego em contexto de sacrifício. O uso de pedras em contexto sacrificial é o mais antigo. Já percebemos isso desde os primórdios da história. Tanto em Gênesis 4 quanto em Gênesis 9 não é dito que algum altar de pedras foi construído. Mas a presença de um altar de pedras é derivada de seu contexto. Nos dois casos encontramos o oferecimento de animais em sacrifício a Javé. No caso de Gênesis 4, a presença de altar não é declarada. Como é dito que a gordura do animal foi oferecida a Iahweh (Gênesis 4,4), e esta precisava ser queimada para que seu cheiro fosse “aspirado” pela divindade (Gênesis 9,21), então a presença de um altar se faz necessário para que o fogo fosse aceso para a queima da gordura. Já em Gênesis 9 é dito, explicitamente, que um altar fora construído.

Um dado significativo dentro do uso de pedras como lugar para sacrifício é que, dentro de Gênesis, os sacrifícios não tinham a conotação de sacrifício por culpa de pecado, buscando expiação. O emprego de sacrifícios, neste contexto, está intimamente relacionado com o espírito de gratidão do ofertante (WALTON *et alli*, 2006, 22). Abel oferece seu animal depois de ver a bênção de Deus sobre sua criação. Noé ergue seu altar e apresenta seu sacrifício depois que o juízo divino passara e ele e sua família estavam salvos. A palavra “holocausto” (Gênesis 9,20) está presente no texto, mas aqui ela não tem o mesmo significado de uma oferta totalmente queimada oferecida por causa do pecado. Este sentido ela terá no livro de

Levítico. Mesmo assim, possui a idéia básica de um sacrifício totalmente queimado, mas não pelo pecado do ofertante.

Mesmo no contexto patriarcal, os altares construídos pelos patriarcas não tinham a intenção de apresentar sacrifício pelo pecado, mas objetivavam ou a memória (lembrança) ou a gratidão. Um exemplo clássico disso está em Jacó. Quando este retornou de Harã, dirigiu-se para Siquém (Gênesis 33.18-20). Ali é dito que ele erigiu um altar. Parece que Jacó não fez sacrifícios ali. Era apenas para memória. Isso fica mais claro quando Jacó nomeia o altar: “Deus, o Deus de Israel”. A esta altura da história patriarcal, o sacrifício parece ser secundário na construção de altares. Posteriormente, um altar a ser colocado diante do santuário central deveria ser feito de pedras em seu estado natural (Êxodo 20,25). O uso de ferramentas na lapidação de pedras poderia ocasionar a profanação do altar. A implicação disso é que, “na adoração divina, somente elementos em seu estado natural são para serem usados” (TDOT, 1974, v. I, 49).

A construção de um altar famoso está na ida de Abraão para sacrificar seu filho, Isaque, segundo a ordem de Iahweh, miraculosamente poupado por uma manifestação divina por meio da intervenção do anjo de Iahweh.

Enfim, as pedras como lugar para sacrifício representam o elemento de morte dentro de sua utilidade, mesmo que essa morte fosse para expressar a gratidão do ofertante.

2. Pedras como memorial – pedras como mediadores da recordação

O emprego de pedras para memória é um desenvolvimento que parte do emprego das pedras para sacrifício. Os sacrifícios eram realizados lembrando-se da bênção de Javé. Além, disso, o altar de sacrifício era um memorial também, pois o altar levantado lembrava a necessidade de sacrifício, qualquer que fosse o motivo.

As pedras para memorial eram chamadas de colunas – ou um monte de pedras com o fim de recordação. Enquanto que as pedras que formavam um altar visavam o rito, as pedras que formavam uma coluna visavam à memória (SCHWANTES, 2008, 82). As colunas marcavam o lugar aonde algo memorável aconteceu (SCHWANTES, 2008, 82). Normalmente as colunas tinham uma pedra central, ao redor da qual eram colocadas outras pedras para formar a coluna de pedras. Era a pedra do meio que carregava o memorial, e, nalguns casos, levava a unção.

O levantamento de colunas foi parte comum na vida dos patriarcas bem como o levantamento de altares. A diferença entre colunas e altares de pedras está em que a coluna marcava, de forma permanente, o lugar de um evento memorável. O altar era um lugar de ritual temporário (SCHWANTES, 2008, 82), haja vista que os patriarcas construíram vários altares, pois não havia a presença de um santuário central.

Nas peregrinações patriarcais, o primeiro a fazer uma coluna de pedra foi Jacó (Gênesis 28). Neste capítulo encontramos o momento em que Jacó, em sua viagem para Harã, dorme, e tem um sonho. Neste sonho, ele vê Javé e Javé lhe apresenta uma série de promessas. Quando Jacó acorda, ele dá a sua contrapartida das promessas que recebera de Javé no sonho. Sua primeira reação é declarar que o lugar em que ele se encontra é a Casa de Deus, daí ele chama aquele lugar de Betel, ou Casa de Deus (Gênesis 28.17). Sua segunda reação é fazer uma coluna de pedras, começando com a pedra que ele usou como travesseiro para dormir aquela noite. Depois de erigir esta coluna de pedras, ele derramou óleo sobre a coluna recém erguida. A unção aqui é o reconhecimento que este lugar, particularmente aquela pedra que lhe serviu de travesseiro, é um lugar separado. Então este lugar ficou marcado por dois aspectos – a coluna erguida e a unção com o azeite. Jacó retornaria para Betel, mais de vinte anos depois, para erguer um altar ao seu Deus (Gênesis 35).

Jacó foi o patriarca que mais erigiu colunas. Quando de seu retorno para Canaã, ele entrou em um pacto de não agressão com seu sogro. Como testemunha desse evento, Jacó erige uma coluna de pedras, em testemunho desta aliança (Gênesis 31,45) e em memória ao pacto que um não poderia passar para o lado do outro para cometer alguma agressão. Ao lado do monte de pedras erigido, eles comeram uma refeição pactual (v. 46, 48). Percebamos que aqui há um desenvolvimento – a coluna é um memorial, mas que aqui adquire o status de testemunha “ocular” daquele evento. Quando se fala em coluna não se deve pensar em algo trabalhado, mas num monte de pedra, tendo uma pedra central que carregava a memória daquele evento, ou que neste evento era a “testemunha” daquele momento.

Uma das pedras mais conhecidas nas Escrituras é aquela que marcou a vitória de Israel sobre os Filisteus, sob o comando de Samuel (1 Samuel 7.12). “Ebenézer” significa “pedra de escape ou ajuda”, numa referência a esta grande vitória de Israel naquela batalha. Mesmo que pudéssemos não ver relacionamento religioso nisso, porém, Samuel fez esta relação religiosa ao declarar: “Até aqui nos ajudou o SENHOR”. A pedra tomada era a memória que a vitória

de Israel era consequência da ajuda divina. Javé ajudou seu povo contra os filisteus, e, por isso, Israel foi vitorioso, segundo a visão do profeta Samuel.

No progresso das conquistas de Israel, sob a liderança de Josué, altares de pedras e pedras ganham de vez uma mistura harmoniosa em favor da recordação. Em Josué, capítulo 4, as pedras retiradas do meio do Rio Jordão serviriam para recordação da passagem do povo pelo meio do Rio, como manifestação miraculosa da presença de Javé com seu povo, mas, ao mesmo tempo, como autenticação da aprovação divina da liderança de Josué, como sucessor legítimo de Moisés. Foram doze pedras erguidas no local da passagem do povo e doze levadas para o acampamento do povo (4.1-10), uma por cada tribo de Israel.

O segundo exemplo do uso de pedras em Josué vem como resultado do juízo divino sobre a família de Acã. Acã havia tomado do despojo de Jericó para si, o que havia sido proibido por Javé. O resultado foi a destruição de Acã e toda a sua família. Sobre eles, Josué mandou erguer um monte de pedras (Josué 7.26). Este monte de pedras serviria de aviso para quem desejasse desobedecer a Javé, e a recordação do valor da obediência. Vale lembrar que as pedras serviriam de memória tanto da violência de Acã quanto da forma em que ele fora tratado por sua desobediência – ele e sua família foram mortos violentamente a pedradas, como era também uma memória exortativa para alertar outros a não cometerem o mesmo erro, pois seriam tratados da mesma forma.

O último exemplo é a construção de um altar para memória, construído pelas duas tribos e meia que ficaram a leste do Rio Jordão. A finalidade deste altar era dar às gerações futuras dos dois lados do Jordão a certeza dos laços de irmandade. Eles eram um só povo e tinham o mesmo Deus (Josué 22). Este era o ponto de recordação que traria o altar de pedras.

Antes de passarmos para a visão de Eliade, vale citar que as pedras foram usadas em dois monumentos, aparentemente sem ligação com o assunto religioso. Mas ainda assim com o claro intuito de memória. O primeiro monumento foi uma coluna de pedras erguida por Jacó sobre o túmulo de Raquel (Gênesis 35.20). Isso é indicação que as colunas de pedras não serviram somente para intuítos religiosos, mas também para marcar a memória de pessoas significantes para a vida de outros. O segundo exemplo de coluna de pedras sem intuítos religiosos foi aquele monumento pessoal erguido por Absalão em memória de si mesmo (2 Samuel 18.18). Prevendo que ele não retornaria da batalha contra o exército de Davi, e não tendo filhos homens para dar continuidade à sua linhagem (v. 18), ele queria que ficasse algo

para lhe recordar. Ai ele constrói uma coluna, mostrando que colunas também podiam ser construídas para recordação pessoal, que, no caso de Absalão, não era boa recordação, ao menos para Davi e seus súditos.

Em suma, as pedras foram usadas, dentro do relato bíblico, com duas finalidades – sacrifício e memória. Para sacrifício quando elas serviriam para a construção de altar. No último elemento, a memória, poderia ser de eventos marcantes, para lembrança religiosa, ou poderiam ser colunas que foram erguidas para recordação de pessoas. Neste aspecto, há aquela recordação de quem não se queria que fosse esquecido (Jacó homenageou Raquel, fazendo-lhe um memorial), ou que se conhecia que as pessoas desejavam esquecê-lo, mas que ele quis que fosse lembrado (Absalão queria ser lembrado, mesmo que o povo queria esquecê-lo). Mas também se encontram os altares e montes de pedras erguidos por Josué ou seus liderados, bem como pelos patriarcas, particularmente por Jacó, para memória ou sacrifício, em tempos anteriores aos dos patriarcas.

3. Pedras como símbolo representativo de Javé

Na bênção pronunciada por Jacó sobre seus filhos antes de morrer, ele atribui a seu filho José a segurança de Javé em meio aos embates que ele haveria de experimentar (Gênesis 49.24). A rocha como representativo da estabilidade passava a simbolizar Deus como o lugar seguro para aqueles que nele confiassem. Javé como Rocha é visto em muitos salmos (cf. Salmos 18.2, 46; 19.14, 27.5; 28.1; 31.2-3; 40.2; 42.9; 61.2; 62.2, 6; 71.3; 78.35; etc.).

4. Urim e Tumim – pedras como meio de Javé revelar sua vontade (Êxodo 28,30; Levítico 8,8; Números 27,21; Deuteronômio 33,8)

O significado destes nomes é – “luzes” e “verdades ou perfeições” (WALTON *et alli*, 2006, 108-109), provavelmente para destacar que a resposta dada por estas pedras traria luz e verdade a questão que fora perguntada a Divindade, haja vista que elas eram usadas pelo sacerdote para descobrir a vontade de Deus em determinadas circunstâncias, principalmente quando a vontade de Javé não havia sido revelada por outros meios, como a profecia, sonho ou visão. Não sabemos como se processava o descobrimento da vontade de Deus pelo uso destas pedras, até porque não vemos seu uso constante dentro da história de Israel na Bíblia Hebraica. O que sabemos é que era possível não se saber a vontade de Deus, mesmo quando se consultava a vontade de Deus por meio delas. Este parece ser o caso de Saul, ele consultou Deus, mas não obteve resposta por sonho, profecia ou visão, nem pelo Urim e Tumim.

Esse evento na vida do primeiro rei do Israel unificado demonstra que as pedras do Urim e Tumim não tinham um poder em si para declarar a vontade divina (1 Sm 28.6). Elas eram instrumentos para declarar a vontade de Javé, mas não eram autônomas nisso. Elas só revelavam a vontade divina quando Javé assim desejasse falar através delas. Mesmo assim, isso permanece um mistério – como Saul sabia que Javé não lhe tinha respondido não fora declarado na Bíblia Hebraica. Estas pedras desapareceram da história de Israel em algum tempo depois do exílio. Elas são citadas em Esdras (2,63) como um meio para a escolha do sumo-sacerdote, mas não significa que tenham sido usadas para este propósito.

Deve-se dizer que o uso de pedras específicas para se conhecer a vontade divina por meio de um sim ou um não era praticado pelos povos antigos no Oriente Próximo. As pedras “positivas”, as quais aparentemente eram brilhantes, e as pedras “negativas”, as quais tinham aparência opaca eram amplamente usadas na Mesopotâmia (WALTON *et alli*, 2006, 109), mostrando que, de certa forma, o uso das pedras Urim e Tumim não era uma prática exclusiva do povo de Israel.

O uso de pedras dentro da História de Israel foi sofrendo um esquecimento, principalmente durante o período profético, devido à acirrada luta dos profetas leais a Javé contra todo tipo de elemento que pudesse servir de concorrente à adoração de Javé.

Partindo daqui, deve-se considerar o uso de pedras em outros contextos. Como as pedras eram usadas em outras culturas antigas é apresentado por Mircea Eliade.

A perspectiva de Mircea Eliade

O sexto capítulo do livro de Eliade, **Tratado de História das Religiões**, trabalha o assunto das pedras sagradas. As pedras entram na categoria de sagrada por causa de sua própria natureza – as pedras são “perpétuas” (ELIADE, 2008, 175). É nesse aspecto que Eliade vê a “adoração” das pedras. Para ele, a adoração de pedras não foi motivada pela natureza própria das pedras. Elas foram adoradas por aquilo que elas representaram, e não pela existência própria da pedra (ELIADE, 2008, 175). As pedras sagradas, segundo Eliade, em sua maioria, eram vistas como meio para se acessar alguma coisa, e não objetos de culto em si. Desta maneira de ver, “elas não eram adoradas, mas utilizadas” (ELIADE, 2008, 176).

Em uma terra com tantas pedras, não é demais pensar nos motivos pelos quais as pedras têm tanta utilidade na memória, simbologia e sacrifício na mente do israelita em diferentes épocas da história de Israel.

Partindo disso, esta parte da pesquisa procura dois elementos – as diferenças entre o relato bíblico e a perspectiva de Eliade, e a própria perspectiva de Eliade sobre as pedras sagradas.

A. Diferenças entre perspectivas sobre pedras “sagradas” entre Eliade e a Bíblia Hebraica

Podem-se encontrar duas diferenças básicas entre o relato bíblico e o entendimento de Eliade. A primeira diferença é que Eliade foi um pesquisador muito abrangente. Deste modo de ver, é possível encontrar diferenças entre a visão bíblica e a de Eliade. Como o primeiro ponto de diferença está em que Eliade é um pesquisador do fenômeno religioso, sem importar-se com “revelação” de Deus, como é considerado o texto bíblico, onde há o encontro do homem com o sagrado. Como ele mesmo disse em outro livro seu, seu interesse está nos “conceitos das sociedades arcaicas” (ELIADE, 1992, p. 7), e como as pessoas dessas sociedades lidavam com estes conceitos religiosos. Na Bíblia Hebraica, o que vemos é apenas a narrativa declarando que aconteceu, possivelmente, sem estabelecer qualquer juízo, a princípio.

Outra diferença que se consta entre o relato bíblico e a visão de Eliade é que o relato bíblico está limitado às origens e desenvolvimento da nação de Israel. Os outros povos somente têm lugar neste relato quando se relacionam com Israel. É dessa forma que podemos conhecer seus deuses e seus cultos, mas com pouco desenvolvimento para o leitor contemporâneo em como este culto se processava. Por outro lado, Eliade tem pesquisa mais abrangente. Sua pesquisa foi das terras bíblicas para a Índia, Grécia e Roma, para citar alguns lugares encontrados no capítulo 6.

Um ponto chave na diferença entre o relato bíblico e a pesquisa de Eliade, é que as pedras em Gênesis a Josué nunca foram vistas como retendo um espírito de uma ancestral, ou mesmo a presença ou recordação de algum deus. As pedras, no contexto bíblico, foram empregadas para sacrifício, memória ou símbolo e até para revelação da vontade divina, mas nunca para servir de “casa” para um espírito.

Depois de abordar estas diferenças, deve-se olhar na própria perspectiva de Eliade sobre pedras sagradas para ver o que ele tem a dizer sobre o assunto.

B. Pedras hierofônicas – pedras que manifestavam o sagrado

Para Eliade, as pedras sagradas são caracterizadas, em primeiro lugar, por sua utilidade em servir como morada da alma do morto, próximo dos vivos – sejam parentes ou vizinhos do morto, para que a alma do morto, tendo uma habitação fixa, use seus poderes espirituais em favor daquela comunidade (ELIADE, 2008, 177). Assim, as pedras – ou rochas – usadas com esta finalidade eram instrumentos de “domesticação” da alma do morto, e os cultos celebrados ali visavam buscar benefícios pessoais e para a comunidade. A pedra mediava o acesso à alma do morto. Ela era usada como meio de culto a um morto. Em si a pedra não tem qualquer valor, além de ser uma rocha. Mas como habitação de alguém falecido, ela passa a ser uma pedra sagrada, separada para aquele uso.

As pedras, em segundo lugar, também foram usadas como meio para a geração de filhos. As pedras aonde habitam as almas dos antepassados, são capazes de realizar a fecundação, na perspectiva de povos antigos (ELIADE, 2008, 178-180). Isto está claramente ligado ao elemento do parágrafo acima. Os espíritos dos mortos, habitantes das pedras sagradas, não somente serviriam para a segurança e fertilidade da agricultura, como para a fertilidade das mulheres. Percebe-se que houve um desenvolvimento paralelo. Se o espírito que anima a pedra sagrada é capaz de fazer frutificar a lavoura, porque não será capaz de levar uma mulher à concepção? E daí, também, ele é capaz de levar à prosperidade financeira (ELIADE, 2008, 179).

Mas as pedras podiam representar muito mais que a presença do espírito de um ancestral. Elas podiam representar também a presença de um deus. As pedras de meteorito eram consideradas sagradas pelas três seguintes razões: “... porque caíram do céu... porque revelam a presença da Grande Deusa, ou... porque representam o centro do mundo” (ELIADE, 2008, 185). Notemos que estas pedras são representativas de uma presença superior. Elas assim serviriam para mediar à presença divina para os povos.

Para Eliade, a pedra torna-se sagrada porque ela vem a fazer parte de uma realidade superior. A pedra sagrada é separada de outras pedras porque ela constitui uma manifestação do sagrado, ou porque ela relembra um evento ou um ato memorável, elevado ao status de mítico. Como sagrada, aquela pedra em particular é vista como uma que é “impregnada de um poder mágico ou religioso, em virtude de sua forma simbólica ou de sua origem... porque se encontram no lugar de morada das almas dos ancestrais, ou por que... foram cenário de uma

teofania, ou... porque um sacrifício ou um juramento as terá consagrado” (ELIADE, 1992, 18).

Depois do que tem sido escrito, há um ponto de contato entre a perspectiva de Eliade e a Bíblica sobre o assunto de uso de pedras hierofânicas.

A intersecção entre a Bíblia e Eliade

Antes de proceder com a conclusão deste artigo, vale considerar que temos visões diferentes do uso de pedras, mas que as duas visões têm seu ponto de contato. Como relatado na primeira parte deste trabalho, na visão da Bíblia Hebraica do Pentateuco e Josué, as pedras foram empregadas em contexto sacrificial, pois os altares para sacrifício eram construções de pedra, e foram usadas para a memória e símbolo do divino e meio de revelação. Deste elemento, se viu que colunas de pedras foram erguidas em memória de algum evento, pessoa, ou Deus. Por outro lado, na perspectiva de Eliade, as pedras sagradas eram utilizadas como meio de acesso, em sua maioria, e não como objetos, em si, de adoração.

No ponto que diz respeito a mediar podemos dizer que, tanto a memória para o homem bíblico, como o acesso a alguma coisa ou posse dela, as pedras foram utilizadas por causa de sua durabilidade ou permanência. Nisto está o ponto de contato entre a perspectiva bíblica e a perspectiva de Eliade. Na perspectiva bíblica, a memória era mantida pela coluna de pedra, e toda vez que alguém visse tal coluna se lembraria do que ou de quem aquela pedra ou coluna de pedras deveria fazer recordar. Em alguns casos, a memória seria recordada por meio da curiosidade. Pois alguém que não soubesse do evento ou pessoa, poderia perguntar o que aquela coluna viria a significar, e aí o evento ou pessoa seria recordado.

A mesma coisa se pode dizer das pedras na perspectiva de Eliade. Como as pedras sagradas eram utilizadas para mediar algo para o adorador, e por isso elas eram utilizadas por ele, podemos dizer que o adorador, ao aproximar-se de uma pedra sagrada, fazia isso com o intuito de receber, por meio daquela pedra acesso ao seu objeto de culto. Então, tanto para o homem presente nas narrativas de Gênesis a Josué, como para o homem religioso das culturas pesquisadas por Eliade, as pedras eram um meio – seja um meio para recordar pessoas ou eventos seja ou meio para acessar a um objeto de culto por trás da pedra sagrada.

Conclusão

O presente artigo buscou notar o que caracteriza a perspectiva da Bíblia Hebraica e a de Eliade sobre o uso de pedras em culturas antigas. No relato bíblico, as pedras foram usadas para memória – de algum evento ou pessoa, e para sacrifício por meio da construção de altares de pedras. Altares também foram usados para memória. Na perspectiva de Eliade, as pedras foram usadas para mediar o acesso ao espírito de algum morto, ou para mediar o acesso a alguma divindade. Mesmo com estas diferentes perspectivas, as pedras nos dois relatados têm um ponto em comum – elas serviram para mediar – seja a memória, seja algum espírito, seja Deus, tendo a pedra como seu símbolo.

A pesquisa também mostrou três diferenças básicas entre a perspectiva da Bíblia Hebraica e a de Eliade. Estas diferenças então entre o alcance do relato de cada um e a diferença nos usos das pedras em cada caso. Mas devem se acrescentar algo mais – tanto em Eliade quanto na Bíblia Hebraica, as pedras são representativas de algo bem como mediadoras de algo. Elas representam pessoas, coisas ou eventos de que ou de quem se deve recordar, mas elas também mediam para a memória as pessoas, coisas ou eventos que devem ser lembrados.

As pedras são uma forma de comunicação não comunicada verbalmente. Elas falam sem falar. Quando elas estão no lugar da memória, elas lembram o caminhante que algo aconteceu ali, e que as pedras ali organizadas são representativas. Nesse sentido, elas são uma forma de comunicação universal.

Tendo como limitação de somente usar um capítulo do livro de Eliade, **Tratado de História das Religiões**, e os seis primeiros livros do Antigo Testamento, esta pesquisa demonstra que há espaço para novas pesquisas posteriores. Novos desenvolvimentos são necessários em outros livros da Bíblia Hebraica, o nosso Antigo Testamento.

Bibliografia

BOTTERWECK, G. Johannes & RINGGREN, Helmer, editors. *Theological Dictionary of the Old Testament*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1974. Volume I.

BROWN, Francis, DRIVER, S. R., & BRIGGS, Charles A. *The New Brown – Driver – Briggs – Gesenius Hebrew and English Lexicon*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1979.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ELIADE, Mircea. *Mito do Eterno Retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.

HARRIS, R. Laird, ARCHER JR., Gleason L., & WALTKE, Bruce K. *Theological Wordbook of, the Old Testament*. Chicago: The Moody Bible Institute, 1980. Dois volumes.

SCHWANTES, Milton. *História de Israel: Local e Origens*. São Leopoldo, RS: Oikos Editora, 2008. Volume 1. 3ª edição.

WALTON, John H., MATTHEWS, Victor H, & CHAVALAS, Mark W. *Comentario del Contexto Cultural de la Biblia – Antiguo Testamento*. El Paso, Texas: Editorial Mundo Hispano, 2006. Segunda edição.